

## GOOGLE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO ELETRÔNICO\*

*Daiana Oliveira Faria – Universidade de São Paulo  
Lucília Maria Sousa Romão – Universidade de São Paulo*

**RESUMO:** Sob a ótica da Análise do Discurso de matriz francesa, sobretudo a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, objetivamos propor reflexões teóricas em torno da materialidade do discurso eletrônico. Consideramos que a produção de sentidos não é indiferente à matéria significante. Diante disso, apostamos na assertiva de que a Internet promove modos outros de funcionamento da linguagem, pautando no imaterial e erigindo-se sob a forma de um rizoma (DELEUZE-GUATARRI, 1995) que, mais que representar forma, representa a própria condição de existência da rede e a figura empírica da ontologia do presente (KASTRUP, 2004). Para tanto, traçamos um recorte da pesquisa ora em desenvolvimento a fim de focar as condições de produção da Internet, concebida enquanto um espaço outro de significação e de inscrição de sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Internet. Google.

## INTRODUÇÃO

Consideramos que as tecnologias, amplificadas pelo suporte eletrônico, instalam outros modos de produção, constituição e circulação dos sentidos. Diante disso, apostamos na assertiva de que o modo de circulação dos sentidos no discurso eletrônico está diretamente relacionado a mudança de paradigmas em termos de leitura, de escrita e de inscrição do sujeito. Segunda Orlandi, essas mudanças estão diretamente ligadas à natureza da memória a que estes sentidos se filiam e, certamente, à materialidade significante de seus meios (ORLANDI, 2010, p. 8). Isso provoca a indagação sobre o sujeito discursivo, a interpelação ideológica e, sobretudo, as movências de sentidos nos arquivos discursivos tramados na teia digital. Pensando nas implicações sociais do funcionamento da linguagem, a Análise do Discurso de matriz francesa, sobretudo a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, concebe a linguagem a partir da sua relação com a história, apostando na historicidade dos dizeres e questionando a transparência (ilusória) da linguagem. Ao falarmos em historicidade dos dizeres e condições de produção do discurso, cabe colocarmos o fato de que as Tecnologias de Informação e Comunicação (as chamadas TIC's) constituem-se enquanto um dos pilares da contemporaneidade, representando no ciberespaço elemento propulsor de grande parte das relações sociais, principalmente com o funcionamento da Internet.

\* Acesso ao registro da comunicação em Fórum: <<http://www.textolivre.org/forum/viewtopic.php?f=14&t=3832>>.

## DESENVOLVIMENTO

Originada no Departamento de Defesa Norte Americano – *Defense Advanced Research Projects Agency* (Darp) – em fins da década de 60 e início dos anos 70, a Internet foi denominada, a princípio, Arpanet e servia a interesses militares, proporcionando a comunicação entre aqueles que participavam de projetos militares em toda a América. Vemos que, nesse início, a Arpanet era uma rede restrita, com interesses e objetivos definidos. Na década de 70, universidades e outras instituições, que faziam trabalhos relativos à defesa, adquiriram permissão para se conectar à ARPANET. Em 1975, já havia aproximadamente 100 sites. Buscando o aprimoramento da rede, a ARPANET muda seu antigo protocolo de comunicação, NCP, para um novo protocolo chamado TCP/IP (*Transfer Control Protocol/Internet Protocol*). Neste estágio de mudança, a Internet já começa a se esboçar com a cara que a vemos hoje. Mas o marco de acesso e difusão da Internet se deu, de fato, no início dos anos 90, estágio denominado hoje como *web 1.0* ou primeira geração digital. Nessa época, a Internet se configurava como um repositório de informações, sem muita interatividade. Foi nesse momento que ela adentra o Brasil, especificamente em janeiro de 1991, a partir de uma parceria entre a FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) e o Fermilab, laboratório de física de altas energias especializado no estudo de partículas atômicas, sediado na cidade de Batavia, estado de Illinois, nos Estados Unidos.

Um dos fatores que contribuiu para o *boom* da Internet foi o uso dos recursos de hipertexto. Criado em 1990, por Timothy John Berners-Lee, no Centro Europeu de Investigação Nuclear (CERN), o hipertexto representou a linguagem que possibilitou a disseminação popular e pública da Internet, visto que tal mecanismo representa um dos principais componentes que estruturam a grande teia mundial: uma espécie de texto multi-dimensional que permite que, em uma página, trechos de texto intercalem-se com referências a outras páginas, ou seja, a Internet possibilita o estabelecimento de laços com outros textos fora do documento original. Ao clicarmos com o mouse em uma dessas referências, vemos que a página atual é substituída pela página referenciada. Vociferando os deslocamentos de paradigmas, no que tange a unidade textual, já assinalados nos primórdios da própria invenção da escrita. Porém, com a Internet ou, com a figuração numérica que a estrutura, há uma deslinearização mais acentuada aos olhos da leitura, deslinearizando não só o modo de leitura mas também, conseqüentemente, do modo de escrita (DIAS, 2008). É diante dessas condições de produção que o hipertexto se constitui, numa topologia rizomática, própria da Internet. A lógica do hipertexto promove um percurso de passos dispersos, sem destino determinado, como um percorrer de labirintos entrelaçados. E aqui cabe a ressalva, não se trata de um labirinto, apenas, mas de labirintos entrelaçados, o que nos remete a imagem de um rizoma. Desse modo, ao promover um percurso vagante e livre, cria incertezas; os textos entrelaçados e direcionados ao infinito, não respondem e sim apontam, direcionam, e fazem isso sem uma predefinição (BARRETO, 2007). A este respeito, KASTRUP (2010) diz da rede enquanto a própria figura empírica da ontologia do presente, porém na forma de um rizoma, que, mais do que representar forma, o rizoma representa a própria condição de existência da rede.

Ao falarmos em rizoma, podemos ser remetidos a um conceito próprio de uma das subáreas da biologia, a botânica, na qual um rizoma representa um tipo de caule com raízes subterrâneas que absorvem o alimento. No âmbito da filosofia, o rizoma é o modelo epistemológico teorizado por Giles Deleuze e Félix Guatarri (1995). Nesse âmbito, podemos dizer que uma conjuntura rizomática considera o heterogêneo como forma de expressão da multiplicidade, que se manifesta, por sua vez, na ordem de uma proliferação, de uma ramificação, tal qual o rizoma na botânica, ilustrado na figura acima. É nesse sentido que, ao considerar as multiplicidades como forma de expressão do ser, é que os autores propõem pensar em partes como todo, ou seja, partes constitutivas do ser que possuem totalidade por si mesmas ao serem formas de expressão de singularidades.

Ao pensarmos a Internet diante da metáfora do rizoma (botânica) e dos pressupostos filosóficos supracitados (DELEUZE-GUATARRI, 1995), acreditamos que tais concepções contribuem com essas reflexões na medida em que desconstróem linearidades (que a metáfora do labirinto pode evocar) e dicotomias, propondo uma estrutura não-hierárquica de trajetos e possibilidades variados (ARAÚJO, 2005, p. 192). Deleuze nos fala de “performance”, ao pensar o rizoma como mapa, ressaltava que “um mapa é uma questão de performance” (DELEUZE-GUATARRI, 1995, p. 21), e aí vemos a abertura do simbólico e a inscrição do sujeito, tal como postula a AD, ou seja, a imagem rizomática da rede se dá, sobretudo, a partir das múltiplas possibilidades de inscrições do sujeito do discurso, cindido e movente, nesse arduo espaço de significação que é a Internet. E, ao que diria Deleuze, “há o melhor e o pior no rizoma (Ibidem, p. 14)”, o que, ao pensarmos na Internet, de fato nos mostra que os trajetos e possibilidades são múltiplos e variados e o sujeito, ao inscrever-se na Internet, ao filiar-se a essa ou aquela formação discursiva, pode atualizar regiões de sentidos as mais díspares (im)possíveis. Diante disso, podemos dizer que, do que se encontra e nos vêm à tona/tela, na Internet, pode-se esperar de tudo um pouco.

Segundo os princípios de conexão e de heterogeneidade propostos por Deleuze e Guatarri, assim como na Internet,

[...] qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.  
[...] cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (Ibidem, p. 14).

Sob esta ótica, pensamos a Internet, não definida por uma forma, por limites externos, bordas, mas por SUA forma, rizomática, por seus pontos de convergência e de bifurcação, “[...] um todo aberto, sempre capaz de crescer através de seus nós, por todos os lados em e todas as direções” (KASTRUP, 2010, p. 80). Ainda pensando na questão da forma, como vimos, um rizoma não possui limites definidos, não é uma forma, antes disso, é condição de existência de uma forma que se configura rizomaticamente (Ibidem). “A rede é uma encarnação, uma versão empírica e atualizada do rizoma” (Ibidem, p. 84).

É com todas essas características, elencadas acima, que se configura o estágio da Internet no qual nos encontramos hoje, denominado *Web 2.0*, termo proposto por volta de

2003 por um empresário do mundo da mídia, o norte-americano Tim O'Reilly, dono da O'Reilly, editora de livros e revistas e também promotora de conferências e serviços on-line (CAMPOS, 2007). A *Web 2.0* é definida como um conjunto de “tendências econômicas, sociais e tecnológicas que coletivamente fundam a próxima geração da Internet – uma mídia mais madura e distintiva, caracterizada pela participação dos usuários, abertura, e efeitos de rede” (MUSSER et al., 2007, p. 5 *apud* CAMPOS, 2007, p. 2). Nessa conjuntura, a Internet se configura não só como uma via de mão-dupla, como já podia ser observado mesmo que timidamente no estágio anterior, mas como um rizoma, tal como vimos acima, diante do qual não temos indícios de começo ou fim, do humano ou da máquina. No que tange à inscrição do sujeito, como falarmos em subjetividade na era das redes? Para buscar respostas para tal questão, inferimos que se trata de uma manifestação simbólica que se dá sempre a conhecer na ordem do real, ou seja, na ordem do impossível.

Contudo, vemos que outros paradigmas se estabelecem, diante dos quais chamamos atenção para o paradigma da sociedade em rede (CASTELLS, 2002). Segundo Romão (2008), esse espaço outro de funcionamento da linguagem

inscreve novas condições de produção, constituição e circulação dos dizeres, a saber, desfronteirizando as palavras dos sujeitos. Promove-se, assim, um espaço fluído de movências, empréstimos e identificações, levando o sujeito ora a enunciar como se a palavra do outro fosse absolutamente sua, ora como se a sua palavra fosse não apenas sua e, assim, estrangeira para si mesmo (ROMÃO, 2008, p. 110-111).

Mesmo diante dessa já exorbitante inserção/extensão da Internet e das TIC's na vida das pessoas, sabemos que as mudanças tecnológicas não param e já ouvimos falar num novo estágio da Internet, a *Web 3.0*. Pesquisadores da área de TIC's no Brasil já apostam, para o futuro, numa Internet inteligente, e pesquisas a esse respeito já vêm sendo desenvolvidas. Vislumbra-se, para essa nova etapa da Internet, que as relações entre os sistemas digitais, as relações entre o sistema e o sujeito navegador e as relações entre os próprios sujeitos navegadores sejam intensificadas e otimizadas por meio de agentes virtuais inteligentes, capazes de reagir às ações desses sujeitos. Tudo isso será desenvolvido com técnicas de inteligência artificial. Já vemos fortes indícios dessas técnicas funcionando em outros sistemas eletrônicos, tais como video-games e simuladores.

## CONCLUSÃO

Vimos que, em qualquer ato de linguagem, podemos observar o histórico e o ideológico irromperem provocando os deslizos, os equívocos. Diante disso, apostamos na assertiva de que essas relações contraditórias entre língua, história e sujeito (perpassados pelo ideológico) são ainda mais vociferadas na Internet, espaço que (des)integra a contradição como condição de produção própria dos discursos ali instaurados. Contradições estas materializadas em várias características desse espaço, tais como: o mito da facilidade de

acesso, que instaura a ilusão de que a rede está aí para todos; o mito da total disponibilização de qualquer tipo de conteúdo, promovendo a ilusão de que os traços da censura, da hierarquia social, são nesse espaço diluídos; o mito da completude, que nos faz acreditar que nesse espaço se cabe tudo; enfim, são vários os equívocos ilusórios provocados pela atuante contradição desse espaço outro de significação e de inscrição de sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denize Correa. “Hipertrópole digital”: a cibermídia como cidade rizomática. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (Orgs.). *Narrativas Midiáticas Contemporâneas*. 1. ed. Livro da XIV Compós, 2005, p. 191-206.

BARRETO, A. A. As palavras voam, a escrita permanece: a aventura do hipertexto. *Datagramazero: Revista de Ciência da Informação*, v. 5, n. 5, out. 2007. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br/>>. Acesso em: 30 out. 2007.

CAMPOS, Luiz Fernando de Barros. Web 2.0, Biblioteca 2.0 e Ciência da informação (I): Um protótipo para disseminação seletiva de informação na Web utilizando mashups e feeds RSS. In: *ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 8. Anais... Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2—232.pdf>>.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 10-36. (Coleção Trans). Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa.

DIAS, Cristiane Pereira. *Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital*. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2008.

KATRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, André (org.) *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 80-90.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. *Rua: Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*, Campinas, v. 2, n. 16, p.5-17, 11 nov. 2010. Semestral. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/index.rua?acessar=16-2>>. Acesso em: 03 out. 2011.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPAR, Nádea Regina. *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: EdUFSCar, 2008.